

CAPÍTULO 2

Como escrever a história do futebol? Notas sobre o surgimento de um campo de pesquisa na França

Julien Sorez

Université Paris–Nanterre, França

No século XXI, a França é sem dúvida um país de futebol aos olhos do mundo. Com um histórico esportivo que a coloca entre as oito nações que conquistaram ao menos uma Copa do Mundo, a França também conta com um grande número de jogadores federados e com o prestígio de uma formação esportiva cuja eficácia a torna o segundo maior exportador de jogadores no mundo, logo atrás do Brasil. Essa posição é ainda mais notável considerando que, há cerca de vinte anos, a França era vista como um país que não havia se rendido completamente ao futebol, como demonstram uma certa indiferença — ou até desconfiança — em relação à sua seleção nacional (Beaud e Sorez 2016) e o pessimismo que dominava a imprensa e parte da opinião pública quanto às chances de vitória da seleção francesa na Copa do Mundo de 1998.¹ Inseridos nesse distanciamento coletivo,

¹ Essa situação pode ser ilustrada, em especial, pela campanha de desqualifi-

os professores-pesquisadores enfrentavam dificuldades para tirar o futebol da “indignidade cultural” na qual ele era colocado, apesar do trabalho do etnólogo Christian Bromberger, publicado em 1995, cuja pesquisa marcou profundamente os estudos em sociologia do esporte (Bromberger 1995).

As razões para esse atraso francês são diversas. Comparar essa situação com o dinamismo dos estudos britânicos sobre futebol ajuda a compreender esse atraso historiográfico. Ao contrário da influência de Thompson, que desempenhou um papel crucial nos estudos sobre os lazeres da classe operária no Reino Unido, os historiadores do movimento operário e da industrialização na França não deram um lugar central à questão do lazer e do entretenimento. É importante destacar também que, na Grã-Bretanha, o futebol se tornou o esporte operário por excelência já na década de 1880, o que fez com que a história social britânica não pudesse ignorar por muito tempo esse fenômeno, especialmente porque a cultura operária estava fortemente integrada à cultura nacional, ao contrário da França, onde ela nunca se impôs verdadeiramente (Noiriel 2000). Por fim, não se pode descartar a ideia de que feitos e sucessos esportivos, assim como tragédias, aceleraram o interesse e a demanda social por esse objeto de pesquisa. Na Inglaterra, a vitória da seleção nacional em 1966 provavelmente permitiu a abertura de um espaço de pesquisa que emergiu ao longo dos anos 1970, assim como a surpreendente vitória da França em 1998, que

cação promovida pelo jornal esportivo *L'Équipe* contra o treinador da seleção francesa, Aimé Jacquet, antes da Copa do Mundo.

representa, em muitos aspectos, um ponto de inflexão na posição do futebol dentro da historiografia contemporânea.

Esta contribuição busca, portanto, ao retomar as primeiras produções históricas sobre o futebol, compreender como e com base em quais comunidades científicas o futebol conquistou uma progressiva legitimidade acadêmica. Uma vez traçados os contornos dessa trajetória, procuraremos destacar algumas das questões que estruturaram a escrita historiográfica sobre o futebol, principalmente a partir dos trabalhos que publiquei ao longo de mais de vinte anos e de algumas leituras realizadas nesse campo de pesquisa.

COMO OS HISTORIADORES FRANCESES SE APROPRIARAM DO FUTEBOL?

Na França, a história do futebol se desenvolve de forma significativa, do ponto de vista acadêmico, a partir dos anos 1990. Trata-se, de fato, de uma década em que os trabalhos sobre futebol se multiplicam na esteira do estudo pioneiro do historiador Alfred Wahl, especialista em Alemanha, publicado em 1989 com o título *Les archives du football* (Wahl 1989). Esses primeiros estudos seguem três lógicas principais, algumas das quais persistem até hoje.

Em primeiro lugar, a publicação de estudos históricos sobre futebol segue o calendário das grandes competições esportivas. É como se esses eventos representassem uma “janela de oportunidade” editorial para um tema que, em tempos normais, tem dificuldade de se impor junto a editoras e revistas científicas. Essa política editorial surge por ocasião da Copa do Mundo organizada na Itália

em 1990. A prestigiada revista *Vingtième Siècle* publica uma edição especial dirigida por Jean-Pierre Rioux, intitulada “Le football, sport du siècle”. Desde então, cada competição internacional de grande porte traz consigo edições especiais de revistas e publicações dedicadas ao futebol. Nessa estreita relação entre o futebol como objeto de estudo histórico e a visibilidade midiática das competições internacionais, a Copa do Mundo de 1998, organizada na França, teve um papel catalisador. Para a ocasião, dois colóquios sobre futebol foram organizados e um deles deu origem a um novo número de revista.² Os pesquisadores das ciências sociais também recebem considerável visibilidade na mídia, como Christian Bromberger, que falou sobre a “futebolização da sociedade”.³ A vitória final da equipe francesa levou ainda à publicação de um livro dedicado à repercussão do evento na França por parte de pesquisadores britânicos (Hare e Dauncey 2002), bastante interessados em compreender a especificidade e o sucesso dos esportes e esportistas franceses.⁴ No prolongamento desses trabalhos, a participação da França na Copa do Mundo de 2006 (Gastaut e Murlane 2006) e a organização da Euro 2016 no país

2 Colóquios “Football: jeu et Société”, 11-13 mai. 1998, organizado pelo INSEP e “Cultures et football”, organizado pelo CNRS em maio de 1998, sob a direção de C. Bromberger, Jean-Michel Faure e Charles Suaud. Este último colóquio foi publicado sob o título “Football et Sociétés” na revista *Sociétés et Représentations*, n. 7, dez. 1998.

3 *Libération*, 12 mai. 1998.

4 Um exemplo desse interesse britânico é a atenção dada à figura de Pierre de Coubertin e ao Tour de France, competição sem equivalente na Grã-Bretanha.

geraram publicações com uma abordagem internacional (Archambault, Beaud e Gasparini 2016). No entanto, esse entusiasmo editorial confere apenas uma legitimação parcial ao futebol como objeto de pesquisa. Ao seguir o calendário das grandes competições, a legitimidade acadêmica da história do futebol permanece limitada, pois não pode se sustentar apenas nesse regime de publicação, ainda mais considerando que ele está estreitamente vinculado à demanda social e ao calendário midiático desses grandes eventos, cujo ritmo nem sempre é compatível com aquele exigido pela imersão nos arquivos e pela formulação de uma verdadeira questão de pesquisa. Além disso, as publicações vinculadas ao calendário ou ao desempenho esportivo podem levar a análises apressadas e imprecisas, como é o caso da obra dirigida pelos historiadores britânicos Geoffrey Hare e Hugh Dauncey, *Les Français et la Coupe du Monde de 1998*. Publicada no ano da Copa do Mundo da Coreia do Sul, em 2002, a obra tenta analisar o lugar do futebol na França, cuja seleção nacional era considerada a grande favorita, ainda sob o impacto da vitória de 1998. Apesar de o título não corresponder com exatidão ao conteúdo das contribuições, e apesar de erros factuais e uma tradução com pouca fluidez tornarem a leitura difícil, o trabalho empírico presente em alguns artigos apresenta sérios problemas do ponto de vista da abordagem histórica. De fato, parte dos textos se baseia quase exclusivamente em artigos de imprensa escritos no calor do momento, sem distanciamento crítico frente a esse material sensível, enquanto outros artigos apresentam escassas notas de rodapé, o que dificulta a identificação rigorosa das fontes que sustentam as análises. O

trabalho de Marion Fontaine sobre o Racing Club de Lens mostra, aliás, apesar da celebração da identidade e do orgulho operário do Norte durante a conquista do título nacional pelo clube em 1998, que o futebol nas regiões mineradoras encerra dinâmicas sociais muito mais complexas do que as que são exaltadas nesses momentos de euforia coletiva (Fontaine 2010: 15-20).

Em segundo lugar, os primeiros trabalhos significativos em história do futebol foram realizados por pesquisadores que haviam adquirido legitimidade científica em áreas históricas, muitas vezes distantes do esporte. O número de 1990 da revista *Vingtième Siècle*, mencionado anteriormente, ilustra bem essa tendência inicial. Pierre Milza, historiador do fascismo, escreve um artigo sobre o futebol italiano; Gérard Noiriel, historiador da imigração, analisa o futebol com base em seu objeto de pesquisa, junto ao sociólogo Stéphane Beaud; assim como Jacques Marseille, que oferece pistas para futuras pesquisas sobre o futebol em diálogo com a história econômica, área em que é um dos mais eminentes especialistas. Dessa forma, pode-se considerar que o futebol, como objeto histórico, é nos anos 1990 um território efêmero, que pesquisadores já consolidados academicamente e com legitimidade científica o exploram no contexto de eventos esportivos. A oportunidade proporcionada pelos eventos esportivos permite que esses acadêmicos saiam de suas bases historiográficas tradicionais e “explorem” terrenos da história do futebol. Apenas Alfred Wahl mantém, a partir dos anos 1990, o futebol como campo privilegiado de escrita. Pode-se ler esse novo interesse pelo futebol como uma reconciliação dos intelectuais com a cultura

popular, que se impõe progressivamente como um elemento unificador da cultura nacional. Isso é verdade até certo ponto, desde que se considere que a França costuma ser menos estudada do que a perspectiva mundial ou do que os países onde a cultura do futebol parece mais desenvolvida que no território francês.⁵ Isso contrasta com os primeiros trabalhos históricos sobre o futebol na Inglaterra (Mason 1980 e Fishwick 1989) ou na Alemanha, que se concentraram em seus respectivos contextos nacionais (Wahl 1990).

Por fim, o surgimento do futebol como objeto da história na França está essencialmente ligado ao interesse científico de historiadores contemporâneos que atuam em departamentos de história, apesar da existência de departamentos de Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas (Staps), nos quais já se realizavam pesquisas em ciências sociais do esporte desde os anos 1980. Nesses departamentos, o foco principal estava nas pesquisas sobre Educação Física, especialmente no contexto escolar.⁶ Esse interesse inicial dos docentes-pesquisadores dos departamentos de história pelo futebol resulta, nas décadas seguintes, em uma multiplicação

5 Se, na revista *Vingtième Siècle*, a França é o tema de cinco dos 11 artigos da edição, ela está presente em apenas dois dos 13 artigos do número “Les enjeux du football”, da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* de 1994, e em oito dos 26 artigos que compõem o número especial da revista *Sociétés & Représentations* de 1998.

6 Com Pierre Arnaud, os estudos sobre a história das práticas esportivas começam a se desenvolver no campo dos STAPS, mas o futebol, apesar de sua grande visibilidade na mídia e popularidade, ocupa apenas um papel secundário nesse contexto.

de doutorados em História Contemporânea. Esses doutorados geralmente adotam a abordagem monográfica. Por um lado, muitos estudos investigam o futebol em contextos urbanos e industriais onde ele ocupou lugar central, seja em Turim (Dietschy 1997), na região de Lens (Fontaine 2006), e mais recentemente em Roma (Morra 2019) e Marselha (Bocquillon 2024). Outros trabalhos monográficos optaram por uma análise em escala regional para destacar diferentes formas de apropriação e processos de diferenciação espacial, como os estudos sobre Pas-de-Calais (Chovaux 1999), Córsega (Rey 2003), Paris e seus subúrbios (Sorez 2011), Alsácia (Perny 2009) ou Vaucluse (Gardi, em andamento). Como a paixão pelo futebol é considerada relativamente recente na França, em comparação com outras regiões do mundo, vários estudos escolheram países onde essa prática está intimamente associada à cultura nacional. É o caso da Itália, onde o sucesso do futebol foi analisado no contexto da disputa de influência entre o Partido Comunista e a Igreja Católica (Archambault 2007); do Brasil, onde o futebol é visto como instrumento diplomático e cultural (Astruc 2022); e do Uruguai, sede da primeira Copa do Mundo, em 1930 (Jalabert d'Amado 2021). Além disso, o interesse inicial de Alfred Wahl e Pierre Lanfranchi pelos jogadores profissionais inspirou alguns trabalhos sobre os atletas da seleção francesa (Carneiro 2019) e, mais recentemente, sobre o valor dos jogadores de futebol, temática na qual a dimensão histórica está muito presente (Schotté 2022).

Esse dinamismo do futebol como objeto histórico contrasta fortemente com as pesquisas dos departamentos STAPS. De 1990 a 2020, apenas sete teses, em História, sobre história do futebol foram defen-

didadas, embora muitos doutorados tenham sido concluídos nesses departamentos. Esse relativo desinteresse se deve, primeiramente, ao foco na história da Educação Física enquanto disciplina escolar, fundamental para legitimar o lugar dos professores de Educação Física no sistema educacional, especialmente após sua reintegração ao Ministério da Educação Nacional em 1981 (Martin 2004). Em segundo lugar, o interesse pela história do futebol permanece marginal frente à valorização de uma história voltada ao desenvolvimento de todas as práticas esportivas, em especial àquelas mais ensinadas nas escolas, cujas histórias podem ser associadas ao movimento olímpico e às suas virtudes educativas. Uma boa ilustração dessa ambição de abarcar todas as modalidades esportivas está na atuação de Thierry Terret, professor de História do Esporte na Universidade Claude Bernard Lyon 1. Entre 1997 e 2017, nas 26 teses que ele orientou, cerca de dez modalidades esportivas diferentes foram contempladas.

No entanto, a partir dos anos 2000, algumas teses de doutorado sobre futebol foram defendidas nos STAPS. Se a abordagem monográfica é o denominador comum em boa parte dos estudos em história contemporânea, boa parte das teses dos STAPS cruzam o futebol com temáticas de interesse prévio dos orientadores. É o caso da tese sobre a história do futebol feminino na França (Prudhomme-Poncet 2002), continuidade de publicações sobre esportes femininos dos anos 1990 (Arnaud e Terret 1994); da tese sobre o futebol durante a Primeira Guerra Mundial (Waquet 2010), relacionada à importância da questão de gênero nos trabalhos de Terret e do Centro de Pesquisa e Inovação sobre o Esporte da Universidade Claude Bernard Lyon 1

(Terret 2006); e da tese sobre a história da arbitragem profissional na França (Joly 2021), vinculada ao tema caro a seu orientador, Olivier Chovaux. Este estudo sobre árbitros também pode ser visto como parte de uma abordagem histórica dos STAPS centrada nos atores do futebol, na mesma linha dos trabalhos sobre a trajetória de jogadores profissionais argelinos na França (Frenkiel 2009) e sobre a profissão de treinador de futebol (Grün 2011).

Ingressar em um doutorado com um tema de interesse do orientador permite ao doutorando construir seu objeto de pesquisa apoiado nas intuições e nos trabalhos anteriores do orientador, mas essa abordagem pode obscurecer a originalidade do tema da tese e resultar em um trabalho que, ao ser defendido, já não corresponde à atualidade da pesquisa histórica, uma vez que muitos anos são necessários até a conclusão de uma tese. Para compreender esse contraste marcante entre as teses sobre futebol defendidas nos departamentos de História e nos de STAPS, é importante destacar que muitos pesquisadores de história contemporânea foram orientados por professores com pouca ou nenhuma experiência em história do esporte, o que lhes conferiu maior liberdade na escolha do tema de pesquisa.⁷ Além disso, a abordagem monográfica, que ocupa um lugar importante na história contemporânea, justifica-se por permitir a delimitação, com rigor, do escopo de um objeto com ramificações sociais e

7 Para dar alguns exemplos, Gilbert Garrier (Dietschy), Alain Lottin (Chovaux), Christophe Prochasson (Fontaine), Éric Vial (Archambault) e Jean-François Sirinelli (Sorez) não têm nenhuma publicação acadêmica em seu nome sobre o futebol e nem mesmo sobre o esporte.

institucionais por vezes significativas. Em meu doutorado sobre o futebol parisiense, por exemplo, optei por circunscrevê-lo a Paris e sua periferia imediata para poder compreender todas as formas de futebol ali desenvolvidas, bem como os diferentes atores envolvidos. Por outro lado, a monografia local ou regional permite trabalhar com acervos arquivísticos compostos por documentos produzidos por diversas administrações locais, que podem ser cruzados com as manchetes da imprensa esportiva comercial e os boletins das instituições esportivas — fontes que, se usadas de forma exclusiva, confinam a narrativa histórica apenas ao ponto de vista dos atores esportivos.

ALGUMAS PISTAS PARA ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTEBOL

A popularidade, a cobertura midiática e o sucesso esportivo do futebol francês nas últimas décadas são apenas uma vantagem aparente quando se trata de escrever sua história. Na verdade, esses fatores podem levar a superestimar a trajetória dessa prática esportiva. Na França, quando o futebol começou a se desenvolver a partir da década de 1890, ele era muito menos popular do que o ciclismo e o boxe, que reuniam multidões nos velódromos, nos acostamentos das estradas e nas salas de espetáculo (Poyer 2000 e Ville 2016a). As estrelas do esporte, algumas das quais conseguiam viver da atividade esportiva, vinham sobretudo dessas duas modalidades, como o boxeador Georges Carpentier. Considerado uma das primeiras grandes estrelas esportivas, o campeão de boxe originário de Pas-de-Calais organizava exhibições, se aproximava de organizadores de

espetáculos e utilizava a expansão do cinema para se autopromover e construir uma carreira que ia muito além da simples conquista de títulos esportivos (Ville 2016b). Menos conhecido e valorizado do que os esportes profissionalizados, o futebol foi, por muito tempo, menos considerado até mesmo do que os esportes amadores na Grã-Bretanha, como o rúgbi. O ideal do cavalheiro amador e o apelo dos valores cavalheirescos associados ao rúgbi, ainda praticado pela elite social britânica no final do século XIX, contrastavam com o futebol — cuja difusão entre a classe operária britânica e cuja profissionalização em 1885 comprometeram, aos olhos de promotores do esporte como Pierre de Coubertin e George de Saint-Clair, suas virtudes educativas (Holt 1981 e Bourmaud 2024). Além disso, o futebol na França se implantou lentamente nas classes populares, devido à existência e ao sucesso duradouro de atividades enraizadas na cultura popular havia décadas, como a ginástica ensinada nas escolas da República ou passatempos populares como a columbofilia.

A forte presença de esportes comerciais como o ciclismo e o boxe explica por que os relatos de corridas ciclísticas, de partidas de rúgbi e de tênis ocupavam lugar de destaque na imprensa esportiva comercial, ao contrário do futebol, que era frequentemente relegado às páginas internas. A lentidão com que o futebol se impôs como prática popular e midiática poderia, assim, representar um obstáculo à escrita de sua história, especialmente se considerarmos que a imprensa comercial é uma fonte de primeira ordem para a história do esporte. Além disso, poucas federações, clubes ou outros atores importantes conservaram seus arquivos. No máximo, temos acesso

a revistas federativas como as da Federação Francesa de Futebol ou de seu ramo regional, a Liga Parisiense de Futebol Associativo, além de alguns boletins de clubes com meios para publicá-los.⁸ Por outro lado, essas lacunas arquivísticas levaram os pesquisadores a ampliar o escopo de investigação e pesquisar fora dos arquivos produzidos pelo mundo esportivo. Ao estudar a história do Racing Club de Lens, Marion Fontaine precisou lidar com a ausência de arquivos do clube anteriores à década de 1970 e voltar-se para centros arquivísticos aparentemente distantes do mundo esportivo, como o Centro de Arquivos do Mundo do Trabalho, em Roubaix, ou o Centro Histórico Mineiro de Lewarde, o que lhe permitiu fazer uma leitura da história do clube por meio das múltiplas instituições que tentavam controlá-lo: a prefeitura de Lens, a empresa mineradora e as organizações operárias da região. Da mesma forma, a impossibilidade material de acessar os arquivos do Vaticano, da Federação Italiana de Futebol e do Comitê Olímpico Nacional Italiano levou Fabien Archambault, em sua tese sobre o futebol italiano, a recorrer aos arquivos do Centro Sportivo Italiano, que organizava o desenvolvimento do esporte católico italiano, conservados no Instituto Paulo VI, em Roma, além dos da Juventude Italiana de Ação Católica, da Universidade Gregoriana, e de muitos outros locais apenas remotamente relacionados ao futebol (Archambault 2007). A história do futebol, mesmo nos espaços em que ele encarna fortemente uma identidade

8 Sobretudo os clubes mais ricos, com muitos associados e os dirigentes mais influentes, como o Racing Club de France, o Stade Français ou o Club Athlétique de la Société Générale.

local ou nacional, escreve-se pelo cruzamento de arquivos de natureza muito distinta e conservados em locais sem relação direta entre si.

Em meu trabalho sobre o futebol parisiense, essa busca arquivística fez com que eu me interessasse pelos arquivos municipais de diversas cidades da periferia, pelos arquivos departamentais da Île-de-France, pelos arquivos do Exército francês e, mais recentemente, pelos da polícia e da justiça. Essa abordagem desloca o foco dos arquivos produzidos e guardados pelo próprio mundo esportivo, que oferecem apenas uma visão “interna” do futebol. Não se pode fazer uma história do futebol apenas com base nos arquivos das instituições, de seus dirigentes ou da imprensa, sob o risco de produzir uma narrativa que seja apenas o reflexo da visão institucional e midiática dominante de uma época. Ao ir além dos arquivos do mundo esportivo, o historiador pode acessar outras práticas e outros atores. Por exemplo, quando me interessei pelas práticas informais de futebol em espaços não dedicados ao esporte, como parques e jardins urbanos, percebi a importância que as mães das crianças tinham no final do século XIX (Passavant e Sorez 2020). As abundantes atas e petições recebidas pelos administradores do Bois de Boulogne revelam que as mulheres desempenharam um papel no desenvolvimento das práticas esportivas, ainda que a imprensa esportiva e institucional as retratasse como mães temerosas e negligenciasse sua presença à beira dos campos, excluindo-as de fato das responsabilidades associativas, federativas e do jornalismo esportivo. Da mesma forma, ao trabalhar com processos judiciais ligados ao esporte, pude

observar como o futebol amador conseguiu, entre 1900 e 1920, transformar-se em espetáculo lucrativo, atraindo milhares aos estádios, enquanto seus dirigentes defendiam nos tribunais o “interesse geral” do esporte para isentar seus clubes dos impostos e das taxas sobre espetáculos que incidiam sobre os outros esportes, os teatros, os cinemas ou até os concertos em igrejas (Sorez 2024).

Essa necessidade de uma abordagem arquivística plural e exaustiva tem múltiplas virtudes para a escrita da história do futebol. O cruzamento de fontes permite evitar a tentação de uma narrativa teleológica: ao contrário do que se observa hoje, o futebol não nasceu popular, espetacular ou rentável; ele é o resultado de uma construção progressiva, realizada por atores com diferentes interesses e finalidades, marcada por escolhas, disputas e bifurcações que devem ser reconstituídas. O futebol que se impôs nas últimas décadas na França é uma prática associativa, competitiva e profissionalizada, administrada por uma instituição que se tornou incontornável na escala nacional e internacional desde os anos 1910: a Federação Francesa de Futebol, sustentada por seus cerca de dois milhões de federados e cuja seleção nacional, com os troféus conquistados, se tornou seu maior embaixador. Mas isso não significa que essa seja a única forma de prática e tampouco que a história do futebol se resuma à ascensão dessa forma dominante. Em minhas pesquisas, tentei mostrar como o futebol foi e continua sendo uma prática plural, sustentada por atores que lhe atribuem valores sociais diferentes e até contraditórios. Tentar restituir essa diversidade sociocultural dentro da forma que hoje predomina, sem negar sua existência, é

essencial para compreender sua história. O futebol contemporâneo deve muito, tanto na França quanto na Itália, ao esporte promovido por paróquias católicas e organizações políticas operárias. E não se pode entender o sucesso do profissionalismo no esporte sem levar em conta sua relação com o mundo amador. Essa abordagem, que restitui a pluralidade de práticas e de atores, também evita essencializar identidades, como mostra o trabalho de Marion Fontaine sobre o Racing Club de Lens, cuja imagem hoje é indissociável da dos mineiros locais, os “Gueules Noires”. Ela mostra que a história do clube se sobrepõe apenas parcialmente à história operária e mineira da região, integrando também a história do futebol francês e das relações socioeconômicas locais. E revela, acima de tudo, que foi justamente quando as minas fecharam, quando suas marcas desapareceram da paisagem urbana e quando o clube se desvinculou da identidade operária e local, que a ideia de um clube dos “Gueules Noires” se consolidou – o clube de Lens participa ativamente da memória de um mundo operário desaparecido e funciona como um ponto de ancoragem em que cada um pode encontrar um sentimento de pertencimento coletivo.

Por fim, escrever a história do futebol exige uma abertura temática e disciplinar que supere as lacunas historiográficas nos anos 2000. Para pensar o desenvolvimento territorial do esporte, recorri a trabalhos da geografia social e cultural, buscando compreender as lógicas espaciais e sociais de formação do espaço esportivo. Durante meu doutorado, os estudos do geógrafo britânico John Bale sobre “topofilia” e os de Joël Bonnemaison me ajudaram a ter um olhar

mais amplo sobre meu objeto de pesquisa e sobre arquivos por vezes redundantes (Bale 1993). Mais amplamente, esse descentramento disciplinar, que também se observa em diversos estudos sobre a história do esporte, levou à incorporação de contribuições da sociologia e da etnologia. Essa abertura permite escapar de uma história positivista ou feita de relatos sensacionalistas de uma modalidade da escrita jornalística e combater os “significados naturais e imediatos” que tentam explicar os sucessos do futebol (Faure e Suaud 1994a). Para ilustrar os aportes da sociologia à história, podemos citar o estudo de Jean-Michel Faure e Charles Suaud sobre o futebol profissional, que mostraram como ele funciona como um “campo” no sentido de Pierre Bourdieu — onde se manifestam capitais e disposições específicas — e como a estruturação desse espaço social visa manter uma relação de dominação social e econômica dos empregadores sobre os empregados (Faure e Suaud 1994b). Mais recentemente, Sébastien Fleuriet e Manuel Schotté — já conhecidos por seus estudos sobre a precariedade e a vulnerabilidade dos atletas de alto rendimento — propuseram uma análise crítica das categorias institucionalizadas de “profissional” e “amador”, frequentemente reificadas. Eles buscaram evidenciar a diversidade das condições de emprego e trajetórias no esporte, que essas categorias não conseguem captar com precisão — confirmando, na maioria dos casos, a dominação sofrida pelos esportistas na definição de suas condições de trabalho (Fleuriet e Schotté 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *LIVROS Le football des nations. Des terrains de jeux aux communautés imaginées*. Paris: Presses universitaires de la Sorbonne.

ARNAUD, Pierre e Thierry Terret (org.). 1994. *Histoire des sports féminins*. Paris: L'Harmattan.

BALE, John. 1993. *The Stadium and the City*. London: Routledge.

BOURMAUD, François. 2024. *Une histoire sportive du XIX^e siècle: Angleterre-France*. Neuilly-sur-Seine: Atlande.

BROMBERGER, Christian. 1995. *Le match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: édition de la Maison des Sciences de l'Homme.

FISHWICK, Nicholas. 1989. *English Football and Society: 1910-1950*. Manchester: Manchester University Press.

FLEURIEL, Sébastien e Manuel Schotté. 2008. *Sportifs en danger. La condition des travailleurs sportifs*. Vulaines-sur-Seine: Éditions du Croquant.

FONTAINE, Marion. 2010. *Le Racing Club de Lens et les "Gueules Noires", essai d'histoire sociale*. Paris: Les Indes Savantes.

GASTAUT, Yvan e Stéphane Mourlane (org.). 2006. *Le football dans nos sociétés. Une culture populaire (1914-1998)*. Paris: Autrement.

HARE, Geoffrey e Hugh Dauncey (org.). 2002. *Les Français et la Coupe du Monde de 1998*. Paris: Nouveau Monde Éditions.

HOLT, Richard. 1981. *Sport and Society in Modern France*. London: MacMillan Press.

MARTIN, Jean-Luc. 2004. *Histoire de l'éducation physique sous la V^e République. La Terre promise, depuis 1981*. Paris: Vuibert.

MASON, Tony. 1980. *Association Football and English Society, 1863-1915*. Atlantic Highlands, New Jersey: Humanities Press.

REY, Didier. 2003. *La Corse et son football, 1905-2000*. Ajaccio: Albiana.

SCHOTTÉ, Manuel. 2022. *La valeur du footballeur. Sociohistoire d'une production collective*, Paris: CNRS éditions. TERRET, Thierry et al. (org.). 2005. *Sport et genre*. Paris: L'Harmattan.

WAHL, Alfred. 1989. *Les archives du football. Sport et société en France (1880-1980)*. Paris: Gallimard.

WAHL, Alfred e Pierre Lanfranchi. 1995. *Les footballeurs professionnels des années 1930 à nos jours*. Paris: Hachette.

ARTIGOS

BEAUD, Stéphane e Gérard Noiriel. 1990. "L'immigration dans le football". *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, 26 :83-96.

BEAUD, Stéphane e Julien Sorez. 2016. “Les Bleus au long cours: indifférence, exaltation et crispations”. In: ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *Le football des nations. Des terrains de jeux aux communautés imaginées*. Paris : Presses universitaires de la Sorbonne. 197-215.

CHOVAUX, Olivier. 2011. “‘Hommes en noir... hommes de l’ombre?’ Pour une histoire des arbitres de football et de l’arbitrage en France (fin XIX^e-1945)”. In: DOSSEVILLE, Fabrice (org.). 2001. *Les facettes de l’arbitrage: recherches et problématiques actuelles*. Paris: Éditions Publibook.

CHOVAUX, Olivier. 2016. “Du ‘magistrat sportif’ au ‘directeur de jeu’: arbitres de football et arbitrage dans la France des Sixties”. In: LIOTARD, Philippe (org.). 2016. *Le sport dans les sixties: Pratiques, Valeurs, Acteurs*. Reims: Presses universitaires de Reims. 64-79.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1994a. “Les enjeux du football”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 103: 3.

FAURE, Jean-Michel e Charles Suaud. 1994b. “Un professionnalisme inachevé. Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 103: 7-26.

MARSEILLE, Jacques. 1990. “Une histoire économique du football en France est-elle possible ?”. *Vingtième Siècle, revue d’histoire*, 26: 67-72.

MILZA, Pierre. 1990. “Le football italien. Une histoire à l’échelle du siècle”. *Vingtième Siècle, revue d’histoire*, 26: 49-58.

NOIRIEL, Gérard. 2000. “Le rôle de l’industrialisation dans la formation du monde ouvrier en France (1880-1980)”, conférence à la Société d’Histoire Moderne et Contemporaine du 8 novembre 1997. *Actes de l’histoire de l’immigration*.

PASSAVANT, Éric e Julien Sorez. 2020. “Le ballon de la discorde. Sociohistoire du football dans l’espace public urbain”. *Histoire urbaine*, 57(1): 109-131.

RIOUX, Jean-Pierre. 1990. “Le football, sport du siècle”. *Vingtième Siècle. Revue d’histoire*, 26: 3-4.

TERRET, Thierry. 2006. “Le genre dans l’histoire du sport”. *Clio. Histoire, femmes et sociétés*, 1: 209-238.

VILLE, Sylvain. 2016b. “Georges Carpentier. Naissance d’une célébrité sportive (1896-1926)”. *Genèses. Sciences sociales et histoire*, 103: 49-71.

WAHL, Alfred. 1990. “Le football, un nouveau territoire de l’historien”. *Vingtième Siècle. Revue d’histoire*, 26:129.

TESES E HABILITAÇÕES ACADÊMICAS SOBRE FUTEBOL

ARCHAMBAULT, Fabien. 2007. “Le contrôle du ballon: les catholiques, les communistes et le football en Italie de 1943 au tournant des années 1980”. Tese de doutorado em História, Université Pierre Mendès-France Grenoble 2.

ASTRUC, Clément. 2022. “Le football, ambassadeur du Brésil? Une projection internationale par le sport (1945-1974)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Paris 3.

BOCQUILLON, Laurent. 2024. “La naissance du football sport-spectacle à Marseille (1899-1939)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Bourgogne Franche-Comté.

CARNEIRO, François da Rocha. 2019. “Les joueurs de l’équipe de France de football (1904-2012): construction d’une élite sportive”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université d’Artois.

CHOVAUX, Olivier. 1999. “Un demi-siècle de football dans le département du Pas-de-Calais: pratiques sportives, réalités sociales, ciment culturel (fin XIX^e-1940)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université d’Artois.

DIETSCHY, Paul. 1997. “Football et société à Turin 1920-”. Tese de doutorado em História, Université Lumière Lyon 2.

FONTAINE, Marion. 2006. “Les ‘Gueules Noires’ et leur club. Sport, sociabilités et politique à ‘Lens les Mines’ (1934-1956)”. Tese de doutorado em História, EHESS.

FRENKIEL, Stanislas. 2009. “Des footballeurs professionnels algériens entre deux rives. Travailler en France, jouer pour l’Algérie (1954-2002)”. Tese de doutorado em STAPS, Université Paris XI Orsay.

GARDI, Romain. “A l’ombre de l’Olympique de Marseille. Histoire sociale et culturelle du football en Vaucluse (fin XIX^e siècle-début des années 1980)”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Avignon Université (em andamento).

GRÜN, Laurent. 2011. “Entraîneur de football: histoire d’une profession de 1890 à nos jours”. Tese de doutorado em STAPS, Université Claude Bernard Lyon 1.

JALABERT D’AMADO, Lorenzo. 2021. “Aux origines de la Coupe du monde de football: Montevideo 1930. Culture de masse, usages politiques du sport et construction nationale”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Paris 3.

JOLY, Alexandre. 2021. “Les arbitres dans le football professionnel français: de l’amateurisme au semi-professionnalisme (1955-1995)”. Tese de doutorado em STAPS, Université d’Artois, 2021.

MORRA, Gary. 2019. “Le football romain, reflet des passions politiques dans la ville éternelle”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Bourgogne Franche-Comté.

PERNY, Pierre. 2009. “Le football en Alsace 1890-1950: une histoire sportive et politique”. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université de Strasbourg et Fribourg-en-Brisgau.

POYER, Alex. 2000. “Cyclistes en sociétés. Naissance et développement du cyclisme associatif français (1867-1914)”, 4 t. Tese de doutorado em História Contemporânea, Université Lyon 2.

PRUDHOMME-PONCET, Laurence. 2002. “Ces Dames du ballon rond. Histoire du football féminin en France au XX^e siècle”, doutorado em Staps, Université Claude Bernard Lyon 1.

SCHOTTÉ, Manuel. 2017. “La valeur du footballeur. Sociohistoire d’une production collective”. Habilitation para orientar pesquisas, ENS Cachan.

SOREZ, Julien. 2011. “Footballs en Seine: histoire sociale et culturelle d’une pratique sportive dans Paris et sa banlieue des années 1880 à 1940”. Tese de doutorado, Centre d’histoire de Sciences Po.

SOREZ, Julien. 2024. “Le sport au tribunal: une contribution de la justice à la légitimation d’une pratique sociale (1890-1940)”. Habilitation para orientar pesquisas, Centre d’Histoire de Sciences Po.

VILLE, Sylvain. 2016a. “Le théâtre de la boxe: histoire sociale de la boxe anglaise professionnelle à Paris (et à Londres) (1880-1930)”. Tese de doutorado em STAPS, Université Paris X.

WAQUET, Arnaud. 2010. “Football en guerre: l’acculturation sportive de la population française pendant la Grande Guerre (1914-1919)”. Tese de doutorado em STAPS, Université Claude Bernard Lyon 1.